

A AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO DOS DOCENTES EM FISIOTERAPIA SOBRE A CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DA FUNCIONALIDADE, INCAPACIDADE E SAÚDE (CIF)

THE EVALUATION OF TEACHERS' KNOWLEDGE IN PHYSIOTHERAPY REGARDING THE INTERNATIONAL CLASSIFICATION OF FUNCTIONALITY, DISABILITY AND HEALTH (ICF)

LA EVALUACIÓN DEL CONOCIMIENTO DE LOS DOCENTES EN FISIOTERAPIA SOBRE LA CLASIFICACIÓN INTERNACIONAL DE LA FUNCIONALIDAD, DE LA DISCAPACIDAD Y DE LA SALUD (CIF)

Rodrigo Silva Perfeito¹
Simone Alves da Silva²

Resumo

A Classificação Internacional da Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF) é uma ferramenta utilizada para viabilizar a categorização e descrição da capacidade funcional e da saúde de um paciente, que auxilia o fisioterapeuta a adotar medidas terapêuticas mais eficientes e específicas. Diante de sua importância, esta pesquisa teve como objetivo avaliar o conhecimento dos docentes em Fisioterapia sobre a existência e utilização da CIF. Para isto, realizou-se um estudo descritivo de corte transversal com 11 profissionais que atuam em uma instituição de ensino superior na graduação em Fisioterapia. Para a coleta de dados, aplicou-se um questionário composto por 22 perguntas, que abordou dados sociodemográficos e avaliou o conhecimento e a utilização da CIF na prática clínica. Constatou-se que todos os docentes conheciam a CIF, porém 81,81% deles tinha dificuldade para entendê-la e 72,72% para aplicá-la. Conclui-se que, mesmo diante da recomendação da OMS para a utilização da CIF, se faz necessária a implantação de treinamentos específicos para qualificar os professores universitários e, assim, facilitar o ensino e a inclusão da CIF na prática clínica. Levou-se em consideração o fato de que, se os docentes não compreendem bem a ferramenta, o processo de ensino/aprendizagem estará comprometido, o que dificultará a aplicação da CIF pelos futuros profissionais.

Palavras-chave: CIF. Docência. Fisioterapia. OMS.

Abstract

The International Classification of Functionality, Disability, and Health (ICF) is a tool used to enable categorizing and describing a patient's functional capacity and health, helping the physiotherapist adopt more efficient and specific therapeutic measures. Given its importance, this research aimed to assess the knowledge of physiotherapy teachers regarding the existence and use of the ICF. Therefore, a descriptive cross-sectional study was carried out with 11 professionals who work at a Higher Education Institution in undergraduate Physiotherapy. For data collection, a questionnaire consisting of 22 questions was applied, which addressed sociodemographic data, knowledge assessment, and ICF use in clinical practice. It was found that all teachers knew the ICF; however, 81.81% had difficulty understanding it, and 72.72% to apply it. It is concluded that, even in the face of the WHO recommendation for the use of the ICF, it is necessary to implement specific training to qualify university professors, and thus facilitate the teaching and inclusion of the ICF in clinical practice. It was taken into account the fact that if teachers do not understand the tool well, the teaching/learning process will be compromised, making it difficult for future professionals to apply the tool.

Keywords: ICF. Teaching. Physiotherapy. WHO.

¹ Diretor do Instituto de Pilates, Fisioterapia e Educação: Fisart e Mestre em Ciências da Atividade Física pela Salgado de Oliveira. E-mail: rodrigosp@yaho.com.br.

² Discente do Instituto Fisart e Fisioterapeuta pela ASPER. E-mail: simonnekelly801@gmail.com.

Resumen

La Clasificación Internacional de la Funcionalidad, de la Discapacidad y de la Salud (CIF) es una herramienta usada para hacer viable la categorización y descripción de la capacidad funcional y de la salud de un paciente, que ayuda al fisioterapeuta a adoptar medidas más eficientes y específicas. Ante su importancia, esta investigación tuvo como objetivo evaluar el conocimiento de los docentes de Fisioterapia sobre la existencia y uso de la CIF. Para ello, se realizó un estudio descriptivo de corte transversal con 11 profesionales que trabajan en una institución de educación superior en el pregrado de Fisioterapia. Para la recolección de datos se aplicó un cuestionario con 22 preguntas que recogió datos sociodemográficos y evaluó el conocimiento y la utilización de la CIF en la práctica clínica. Se pudo constatar que todos los docentes conocían la CIF, sin embargo, 81,81% de ellos tenía dificultad para entenderla y 72,72% para aplicarla. Se concluye que, aun frente a la recomendación de la OMS para la utilización de la CIF, se hace necesario prever entrenamientos específicos para formar a los profesores universitarios y, de esa manera, facilitar la enseñanza y la inclusión de la CIF en la práctica clínica. Se tomó en consideración el hecho de que, si los docentes no comprenden bien la herramienta, el proceso de enseñanza/aprendizaje estará comprometido, dificultándose la aplicación de la CIF por los futuros profesionales.

Palabras-clave: CIF. Docencia. Fisioterapia. OMS.

1 Introdução

A Classificação Internacional da Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF) é uma ferramenta que classifica e descreve a funcionalidade e a incapacidade do indivíduo, avaliando e destacando seu desempenho em tarefas funcionais, de acordo com sua capacidade física. Faz uso de uma linguagem simplificada na tentativa de facilitar seu entendimento e utiliza códigos padronizados para identificação de fatores físicos e ambientais que influenciam na qualidade de vida (ARAÚJO; BUCHALLA, 2015).

Seu objetivo é promover uma linguagem mundial única, padronizada e específica, que avalia alguns fatores como: função do corpo (FC), estrutura do corpo (EC), atividades e participações (AP) e fatores ambientais (FA) (RIBERTO, 2011). A CIF é tão versátil, que pode ser aplicada em diversos públicos, como em bebês em risco de saúde (MÉLO, 2019), em crianças e adolescentes com retardo no desenvolvimento motor (CASTRO; NASCIMENTO; FIGUEIREDO, 2020), em portadores da Síndrome de Down (ANJOS *et al.*, 2019), entre outros.

Seus componentes são organizados em domínios, que selecionam alguns fatores primordiais para impactarem diretamente na funcionalidade e incapacidade do indivíduo. Os componentes são responsáveis pela função e a estrutura do corpo, envolvendo fatores ambientais e pessoais; os domínios são responsáveis pela função e estrutura do corpo com foco nas tarefas e ações; os constructos avaliam a mudança na fisiologia e anatomia na realização de tarefas diárias em local padronizado; os aspectos positivos envolvem a taxa de sucesso na funcionalidade e na capacidade funcional; os aspectos negativos envolvem a limitação da funcionalidade e da socialização em ambientes recreativos (CASTANEDA; SILVEIRA; CASTRO, 2016).

Por permitir esta vasta e eficiente avaliação social e funcional nos mais diversos tipos de pacientes, ficam claros os motivos da constante recomendação de utilização da ferramenta por parte da Organização Mundial da Saúde (OMS). Mesmo diante deste fato, não é difícil constatar que sua aplicação é escassa em ambientes clínicos por parte dos fisioterapeutas (PERNAMBUCO; LANA; POLESE, 2015).

Esta baixa utilização pode estar ocorrendo devido à falta de conhecimento sobre a existência e aplicação da CIF. Estudos indicam que, quando se capacitou os profissionais para o seu uso, o treinamento possibilitou conhecimento acerca da sua estrutura, o que foi fundamental para sua operacionalização, que se deu por meio da construção e aplicação de instrumentos de avaliação próprios para a realidade local (BIZ; CHUN, 2020).

Se o treinamento com foco na melhora do conhecimento específico do instrumento aumenta as taxas de sucesso na sua aplicação e nos resultados clínicos, é preciso verificar se os docentes universitários conhecem a ferramenta. Caso contrário, sem a ajuda deste agente, o discente acaba por desconhecer a sua existência, ou ainda, por se tornar um refém de cursos de aperfeiçoamento pós-universidade, fatos que poderiam ser evitados com discussões inseridas no âmbito universitário.

Este estudo se faz relevante no aspecto científico, pois encontrou-se apenas um trabalho que abordava o escopo aqui presente (SANTOS *et al.*, 2020). Existem diversos estudos sobre CIF, mas a maioria destaca a sua importância no cenário terapêutico. Assim, acreditamos que o trabalho possa estimular novas discussões científicas e, quem sabe, produzir uma inserção mais concisa do assunto nas universidades que ainda não o fizeram. Já no aspecto social, quanto mais fisioterapeutas estiverem conscientes de sua utilização, maior tendência de aprimoramento dos atendimentos clínicos, melhorando a capacidade funcional dos pacientes.

Assim, o objetivo deste estudo é avaliar o conhecimento dos docentes de Fisioterapia sobre CIF, medir a sua percepção sobre a funcionalidade e uso da ferramenta, para ver se estão em condições de contribuir com a formação de seus discentes nesse assunto.

2 Metodologia

Trata-se de uma pesquisa exploratória descritiva, de corte transversal, realizada em uma instituição de ensino superior privada na cidade de João Pessoa-PB, mediante assinatura do termo de anuência pelo diretor.

Para compor a amostra por conveniência e não probabilística, o estudo contou com 11 professores do curso de Fisioterapia, que também realizavam atendimentos fisioterapêuticos

em locais públicos ou privados, com idade igual ou superior a 34 anos, de ambos os sexos, portanto, com experiência docente e clínica. Os dados foram coletados no período de abril/maio de 2019. Todos os participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), de acordo com a resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

Após a assinatura do TCLE, os participantes foram esclarecidos sobre o intuito da pesquisa e preencheram por conta própria um questionário criado pelos autores, com 19 questões. As perguntas e respostas apresentam-se em tabelas nos resultados.

3 Resultados

Na tabela 1, apresentam-se as informações coletadas no questionário sobre sexo, idade, instituição em que se graduou, grau de instrução, local de trabalho e renda salarial.

Tabela 1: Dados pessoais e sociodemográficos.

VARIÁVEIS	N	%
Sexo		
Masculino	3	27,28
Feminino	8	72,72
Idade		
Até 34 anos	2	18,18
Mais de 35 anos	9	81,82
Instituição em que se graduou		
Pública	6	54,54
Privada	5	45,46
Tempo de graduação		
Entre 1 e 5 anos	2	18,19
Mais de 5 anos	9	81,81
Grau de instrução		
Especialização	4	36,36
Mestrado	6	54,54
Doutorado	1	9,10
Local de trabalho		
Rede privada	7	63,63
Rede pública e privada	3	27,27
Filantrópica e privada	1	9,09
Renda		
Entre 2 e 5 salários-mínimos	5	36,36
Entre 5 e 10 salários-mínimos	3	27,27
Acima de 10 salários-mínimos	2	18,18
Não respondeu	1	9,09

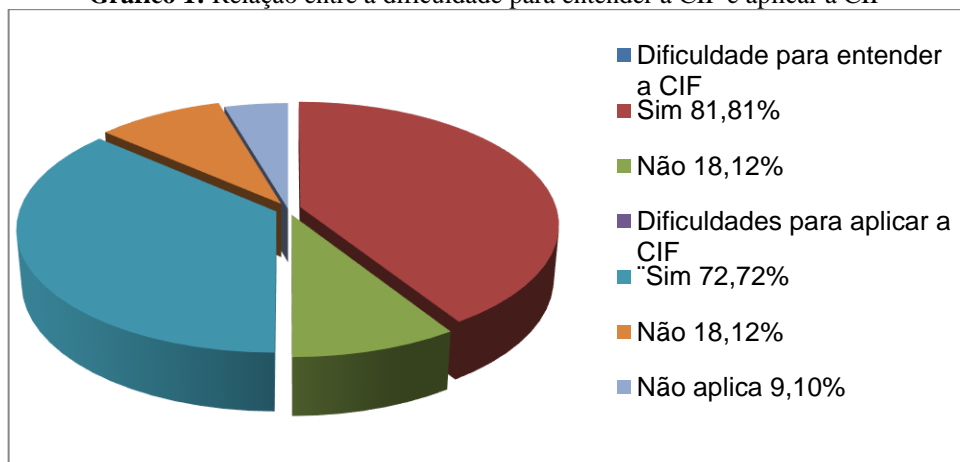
Tabela 2: Avaliação do conhecimento da CIF.

VARIÁVEIS	N	%
Você tem conhecimento do que é a CIF?		
Sim	11	100
Não	0	0
Como conheceu a CIF?		
Especialização	1	9,09
Graduação	3	27,27
Graduação e pós-graduação	1	9,09
Revistas e artigos	1	9,09
Leitura de material didático	1	9,09
Somente artigos	1	9,09
Materiais didáticos e debates	1	9,09
Somente na pós-graduação	2	18,18
Você já ouviu falar dos Cors Sets?		
Se sim, onde utiliza?		
Sim, na neurologia	1	9,09
Sim, saúde da mulher	1	9,09
Sim, na reumatologia	1	9,09
Sim, na fisioterapia	1	9,09
Não	7	63,63
Fez curso de atualização em CIF?		
Sim		
Não	9	81,82
	2	18,18
A atualização dos conceitos da CIF propicia uma unificação da linguagem na sua área de atuação?		
Sim	9	81,82
Não	2	18,18
Desde que ano tem contato com a CIF?		
Anterior a 2010	1	9,10
Após 2011	10	90,90
Como você avalia a aplicabilidade da CIF?		
Pouco aplicável	3	27,27
Razoavelmente aplicável	6	54,54
Muito aplicável	1	9,10
Não respondeu	1	9,10

Tabela 3: A utilização da CIF na prática pelos fisioterapeutas.

VARIÁVEIS	N	%
Você utiliza a CIF na sua prática profissional?		
Às vezes	4	36,36
Nunca	4	36,36
Raramente	1	9,09
Quase nunca	1	9,09
Sempre	1	9,09
Você teve algum treinamento para utilizar a CIF? Se sim, onde?		
Sim, em cursos da UFPB	1	9,09
Sim, no trabalho	1	9,09
Sim, porém não justificou	1	9,09
Sim, na especialização	1	9,09
Não	7	63,63
Forma de utilização da CIF?		
Reduzida		
Completa	8	72,72
Sim	1	9,09
Não aplica	1	9,09
	1	9,09
Utiliza os <i>cors sets</i> na prática clínica? Se sim, onde?		
Sim, fisioterapia locomotora		
Tratamento clínico	2	18,18
Tratamento clínico e UTI	6	54,54
Não respondeu	2	18,18
	1	9,10
É aceitável usar o instrumento na sua prática profissional?		
Sim	10	90,90
Não	1	9,10

Gráfico 1: Relação entre a dificuldade para entender a CIF e aplicar a CIF



4 Discussão

Na tabela 1, foi possível verificar uma amostra extremamente heterogênea. Foram entrevistados 11 docentes fisioterapeutas, sendo 8 mulheres (72,72%) e 3 homens (27,28%); 9 com idade igual ou superior a 35 anos (81,82%); 6 que se graduaram em faculdade pública (54,54); 9 que cursaram por mais de 5 anos a graduação (81,81%); 4 que fizeram especialização (36,36%), 6 concluíram o mestrado (51,51%) e apenas 1 cursou o doutorado (9,10%); 7 trabalham em rede privada (63,63%) e 5 recebem salário entre 2 e 5 salários-mínimos (36,36%). Este fato nos permite sugerir que, apesar de a coleta de dados ter ocorrido em apenas um local, estamos diante de uma amostra diversificada, o que permite a maximização da esfera geográfica de raciocínio.

O objetivo do estudo foi o de avaliar o conhecimento dos docentes de Fisioterapia sobre a CIF, para ter uma noção sobre a sua capacidade de contribuir com a formação de seus discentes nesse assunto. No entanto, existem outros fatores que podem interferir na apresentação do tema ao graduando, como uma grade curricular que não inclua disfunções osteomioarticulares ou patologias que atrapalhem as funções nas Atividades de Vida Diárias (AVDs).

Porém, esse problema parece não ocorrer, uma vez que, ao analisar o modelo tradicional de ensino das universidades, percebe-se que elas vêm buscando um perfil profissional que prepare os fisioterapeutas para a abordagem de tratamento da funcionalidade, assim como no processo saúde-doença (MARÃES, 2010).

Além disto, a resolução nº 452 de 10 de maio de 2012 do Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde, retrata que a CIF deve ser utilizada pelo sistema de saúde, inclusive pelo SUS (ANDRADE *et al.*, 2017).

Portanto, sugere-se o aprendizado da CIF em universidades e treinamento profissional nos locais onde os estudantes irão aplicar essas técnicas depois de formados. Confirmando esse dado, todos os entrevistados afirmaram possuir conhecimento sobre a CIF. 27,27% (n=3) a conheceram na graduação, 18,18% (n=2) na pós-graduação e os demais através de outros meios, como artigos científicos e debates com colegas.

Diante de um modelo de currículo tradicional, apenas 3 profissionais conheceram a CIF na graduação. Trata-se de um dado preocupante, pois a grande maioria dos graduandos não têm condições financeiras ou tempo para especializações, mestrados ou doutorados, uma vez que precisam entrar no mercado de trabalho o quanto antes, em busca de recursos para a subsistência. Em outras palavras, apenas 27,27% dos profissionais em Fisioterapia tiveram a

oportunidade de conhecer a ferramenta na graduação. Vale ressaltar que há professores universitários que, em grande maioria, continuam seus estudos e acabam conhecendo a ferramenta por outros meios (72,73%). Sabemos que essa não é a realidade da maioria dos profissionais que, como já expusemos, emprega a maior parte do seu tempo no trabalho e não têm condições de realizar cursos de *lato e stricto sensu*.

Castro, Pinto e Almeida nos apontam um possível motivo para que não se trate o assunto nos cursos de nível superior. Durante a graduação do curso de Fisioterapia, os alunos são direcionados ao estudo das funções e estruturas do corpo humano, ou seja, a fisiologia e anatomia humana. Desta forma, excluem-se informações de outros componentes da funcionalidade, o que, por sua vez, causa um distanciamento entre a formação acadêmica e os conceitos mais modernos da CIF (CASTRO; PINTO; DE ALMEIDA, 2015).

Uma boa e diversificada formação contribui para alinhar as práticas vivenciadas, além de permitir um bom diagnóstico funcional e uma boa análise para definir o plano de tratamento. O profissional pode classificar os domínios de acordo com a CIF e, acima de tudo, ter uma visão psicossocial e avaliar o indivíduo de acordo com a sua capacidade funcional, com destaque no seu desenvolvimento (SCHARAN *et al.*, 2018).

A CIF é considerada extremamente complexa pelos profissionais (SANTOS *et al.*, 2020). Na tentativa de torná-la um pouco mais simples, criou-se uma linguagem padronizada de entendimento que permite descrever o estado do indivíduo de acordo com a sua incapacidade e funcionalidade. Por esta razão, mesmo que ausente da maioria das discussões na graduação, existe a recomendação do Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO) de sua inclusão nas instituições de Ensino Superior (BELMONTE, 2015).

O COFFITO também sugere a sua inclusão nos sistemas nacionais e internacionais de saúde. Além disso, uma das atualizações do sistema de saúde relatou que a CIF pode ser usada tanto na prática clínica, como fazer parte do conteúdo curricular nas graduações em Fisioterapia (CARVALHO, 2016). Portanto, não faltam propostas advindas de órgãos importantes para que se insira o assunto com mais propriedade na grade curricular dos cursos de graduação em Fisioterapia.

Outro dado preocupante está relacionado ao conhecimento específico e à atribuição de relevância ao instrumento. Entre os entrevistados, 81,82% relatou ter tido que se atualizar para poder trabalhar com a CIF, sendo que apenas 1 profissional (9,10%) teve contato com ela antes de 2010. Esse dado nos indica que os outros (90,90%) estão bem atualizados; além disso, 9 (81,82%) realizaram cursos de aprimoramento para utilização da ferramenta. Porém, mesmo com recomendação unânime da OMS e com cursos de atualização, 6 (54,54%) relatam que sua

aplicabilidade é apenas razoável e apenas 9,10% (n=1) a considera bem aplicável. Este fato mostra que a prática profissional, por algum motivo, não atende as recomendações científicas dos maiores órgãos da saúde.

Um dos motivos pode estar na incapacidade técnica de aplicação da CIF. Todos relatam conhecer a ferramenta, porém, quando questionados sobre os *core sets*, 63,63% (n=7) desconhece o assunto e apenas 36,36% (n=4) conhece e usa esse recurso em áreas distintas, o que demonstra uma grande incongruência entre o discurso do conhecimento e a prática real. Dos entendedores, 9,09% (n=1) a aplica na saúde da mulher, 9,09% (n=1) na reumatologia, 9,09% (n=1) na neurologia e 9,09% (n=1) na fisioterapia traumato-ortopédica.

Em estudo semelhante, Santos *et al.* (2020) relataram que 87% da sua amostra docente possui conhecimentos precários sobre a CIF. Um quantitativo de 23,37% a mais que neste presente estudo.

O *core set* tem como objetivo identificar e organizar as modalidades da CIF, simplificando a quantidade de categorias e dando ênfase aos principais problemas do indivíduo, já com um registro específico (BATISTA, 2016). Ou seja, se não existe conhecimento do *core set*, além de mais complexa, não é possível a aplicação correta/completa da CIF.

Durante os questionamentos sobre sua aplicabilidade, 36,36% (n=4) relatou nunca utilizar; 36,36% (n=4) teve treinamento; apenas 9,10% (n=1) utiliza a CIF de forma completa; 54,54% (n=6) utiliza os *core sets* da CIF para tratamento clínico e 90,90% (n=10) relatou que é aceitável a sua inclusão na conduta terapêutica.

Mesmo reconhecendo a importância de sua inserção na conduta profissional, muitos acabam se limitando ao discurso teórico positivo, sem aplicar na prática a ferramenta. A própria OMS vem destacando este fato e atribuindo o motivo à complexidade de sua aplicação devido ao excessivo número de códigos (OMS, 2003).

Apesar da dificuldade, a CIF é indiscutivelmente uma ferramenta completa e de grande valia, o que justifica o investimento em seu estudo e aprimoramento (MAGALHÃES *et al.*, 2019). Além disso, o fisioterapeuta é um profissional que trabalha com todos os níveis de complexidade da saúde, inclusive com pacientes críticos que, por sua vez, poderiam ser beneficiados com a aplicação completa da CIF (LIMA *et al.*, 2017). Mesmo assim, em nossa pesquisa, apenas 1 participante utiliza a ferramenta de modo completo.

A importância de utilizá-la de modo completo e correto vai de encontro com o discurso de Castaneda *et al.*, que explicam que os componentes da CIF têm dados de funcionalidade e incapacidade, englobando um modelo psicossocial e físico, importante para o planejamento e

alinhamento dos cuidados com patologias específicas, inclusive nas rotinas clínicas diárias (CASTANEDA *et al.*, 2018).

Outro motivo para a aplicação completa do instrumento vai ao encontro da concepção de que o fisioterapeuta é um profissional capacitado e orientado a promover um plano de tratamento específico para cada indivíduo (RESSLER, 2017). A especificidade no atendimento ao paciente permite uma recuperação mais breve de sua capacidade funcional, além de auxiliar no entendimento de que devem ser atribuídas técnicas distintas e específicas para cada paciente, mesmo quando vários deles têm a mesma patologia

Outro fato a ser discutido, seria outra incongruência nas respostas dos participantes. 9 (81,82%) relatam ter feito cursos de atualização sobre a CIF. Posteriormente, ao serem indagados sobre terem tido treinamento para atuar com a ferramenta, 7 (63,63%) responderam que não. Por algum motivo, a maioria da amostra não considera um treinamento profissional como uma atualização. Ainda sobre o treinamento, 81,81% dos entrevistados confessou ter dificuldade para entender a CIF e apenas 18,12% não tem ou não demonstrou dificuldades no seu estudo durante a formação profissional.

No estudo de Santos *et al.*, 18% relatou não ter conhecimento para aplicá-la, 15% dificuldade em aplicá-la na prática e 12% diz que existe uma alta complexidade para entendê-la (SANTOS *et al.*, 2020).

Indagados sobre os motivos da dificuldade, relataram muita complexidade na sua aplicação devido às características dos componentes, ausência de treinamento na rede onde trabalharam (porém muitos relataram ter tido treinamento); não a cursaram durante a graduação (de fato, a minoria estudou este assunto na graduação), falta de conhecimento prático (porém, mais uma vez, a maioria teve treinamento) e por estas razões 9,10% não aplica a CIF. Em alguns discursos, a dificuldade da ferramenta se torna uma boa justificativa para não ensinar ou aplicar. Não compartilhamos essa justificativa.

Este discurso não é específico de nossa amostra. De acordo com Gomes *et al.*, o sistema de classificação da CIF possui 1454 categorias e já foi considerada por vários profissionais da saúde como estratégia parcialmente inviável na prática clínica (GOMES *et al.* 2016). Possivelmente, estes profissionais estão passando pela mesma situação — a ausência de formação adequada durante a graduação.

Devido a essa dificuldade, tanto no entendimento dos profissionais, como na aplicabilidade prática, a OMS reduziu as 1454 categorias a uma quantidade inferior destacando os principais itens. O *core sets* apresenta um conteúdo resumido, mais breve, e foi planejado

para uso em casos mais direcionados, com desordens específicas, podendo ser empregado por grupos para a facilitação do uso clínico (ANDRADE *et al.*, 2017)

Quando os participantes foram questionados sobre a aceitação da retirada da CIF na sua prática clínica devido à sua dificuldade, 90,90% — contrariando o discurso lançado anteriormente —, disse que é um instrumento importante e que o usaria na conduta clínica. Apenas 9,10% não demonstrou interesse, achando desnecessário o seu uso.

Mesmo que a maioria assumiu a ideia de importância, os resultados demonstraram que a aplicabilidade da CIF é inferior ao discurso de conhecimento dos docentes entrevistados, já que, como se disse antes, apenas 9,09% da amostra a utiliza de forma completa.

5 Conclusão

No presente trabalho, conclui-se que 100% dos entrevistados conhecem a CIF, porém 81,81% deles tem dificuldade de entendê-la na teoria, 72,72% para aplicá-la na prática e apenas 9,09% a utiliza de forma completa.

Além de diversas contradições entre o discurso e o conhecimento real da ferramenta, houve incongruências nas falas sobre atualização, treinamento profissional e capacidade de aplicação prática. Assim, conclui-se que a maioria dos participantes não possui conhecimento técnico, teórico e prático para aplicação clínica, e tampouco para ensinar o assunto aos discentes em Fisioterapia. Com isso, fazem com que ocorra incapacidade de compreensão e aplicação entre os profissionais e futuros profissionais em Fisioterapia.

É sabido que não existem soluções, mas deixamos como sugestão às universidades a ideia de refletir sobre a possibilidade de inserção de discussões mais atenciosas e concisas sobre a CIF.

Referências

ANJOS, C. *et al.* Fatores ambientais das crianças com Síndrome de Down conforme a Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF). **Cad. Pós-Grad. Distúrb. Desenvolv.**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 9-24, dez. 2019.

ARAÚJO, E.; BUCHALA, C. O uso da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde: uma reflexão sobre limites e possibilidades. **Rev. Bras. Epidemiol.**, São Paulo, v.18, n. 3, p. 720-4, 2015.

ANDRADE, L. *et al.* Avaliação do nível do conhecimento e aplicabilidade da Classificação Internacional de Funcionalidade e Saúde. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 114, p. 812-823, 2017.

BATISTA, A. *et al.* **Perspectiva do fisioterapeuta sobre o fisioterapeuta sobre o Core set da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde da Diabetes Mellitus.** 2016. 305 f. Monografia (Licenciatura em Fisioterapia) – Escola Superior de Saúde, Instituto Politécnico de Leiria, Leiria – Portugal, 2016.

BELMONTE, L.; CHIARADIA, L.; BELMONTE, L. CIF nos cursos de graduação de Fisioterapia da grande Florianópolis. **Revista CIF Brasil**, Jandira-SP, v. 2, n. 2, 2015.

BIZ, M.; CHUN, R. Operacionalização da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde, CIF, em um Centro Especializado em Reabilitação. **CoDAS**, São Paulo, v. 32, n. 2, e20190046, 2020.

CASTANEDA, L.; SILVEIRA, H.; CASTRO, S. Resposta ao Debate “O uso da CIF em inquéritos de saúde: uma reflexão sobre limites e possibilidades”. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 19, p. 688-689, 2016.

CASTANEDA, L. *et al.* Incapacidade/independência em mulheres com câncer do colo do útero: abordagem de acordo com a Classificação internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF/ICF). **Revista Brasileira de Qualidade de Vida**, Ponta Grossa – PR, v. 10, n. 2, 2018.

CASTRO, C.; PINTO, C.; DE ALMEIDA, M. Conhecimento e aplicação da classificação internacional de funcionalidade, incapacidade e saúde por fisioterapeutas de Fortaleza. **Fisioterapia & Saúde Funcional**, Fortaleza, v. 4, n. 2, p. 6-13, jul./dez. 2015.

CASTRO, G.; NASCIMENTO, L.; FIGUEIREDO, G. Aplicabilidade da CIF-CJ na avaliação de crianças com deficiências e o apoio familiar: uma revisão integrativa da literatura. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 22, n. 1, e11518, 2020.

CARVALHO, A. **Conhecimento de acadêmicos de fisioterapia sobre a Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF).** 2016. 49 f. Monografia (Graduação em Fisioterapia) – UniFor, Formiga – MG, 2016.

GOMES, C. *et al.* **Pelo olhar de quem não sente a diferença:** comparação dos Cores Sets da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e saúde (CIF) para a paralisia cerebral com a perspectiva de crianças/jovens e cuidadores de Portugal. 2016. 61 f. Trabalho de conclusão de Curso (Licenciatura em Fisioterapia) – Escola Superior de Saúde, Instituto Politécnico de Leiria, 2016.

LIMA, T. *et al.* O uso da CIF para caracterização da funcionalidade de pacientes críticos em uma unidade de emergência. **Cadernos de Educação, Saúde e Fisioterapia**, [s. l.], v. 4, n. 8, 2017.

MAGALHÃES, F *et al.* Avaliação de incapacidade e funcionalidade de trabalhadoras com LER/DORT: uso da CIF em checklist. **Rev Bras Med Trab.**, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 545-56, 2019.

MARÃES, V. *et al.* Projeto pedagógico do curso de Fisioterapia da Universidade de Brasília. **Fisioterapia em Movimento**, Curitiba, v. 23, n. 2, p. 311-321, abr./jun. 2010.

MÉLO, T. *et al.* Sistematização de instrumentos de avaliação para os dois primeiros anos de vida de bebês típicos ou em risco conforme o modelo da CIF. **Fisioter. Pesqui.**, São Paulo, v. 26, n. 4, p. 380-393, dez. 2019.

OMS. Organização Mundial de Saúde, Organização Pan-americana de Saúde. **CIF Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003.

PERNAMBUCO, A.; LANA, R.; POLESE, J. Opinião de profissionais acerca da viabilidade do uso da CIF. **Revista CIF Brasil**, Jandira-SP, v. 2, n. 2, 2015.

RESSLER, S. **O uso prático da Classificação Internacional de Funcionalidade, incapacidade e Saúde em fisioterapia**. 2017. 142 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade do Extremo Sul Catarinense UNESC, Criciúma-SC, 2017.

RIBERTO, M. *Core sets* da classificação internacional de funcionalidade, incapacidade e saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 64, n. 5, p. 938-46, set./out. 2011.

SANTOS, L. *et al.* Conhecimento e utilização da CIF por docentes fisioterapeutas na cidade de Teresina - PI. **Revista Neurociências**, São Paulo, v. 28, p. 1-14, 2020.

SCHARAN, K.O. *et al.* Desenvolvimento de sistema computacional baseado na CIF para o registro da prática clínica de acadêmicos de fisioterapia. **Cadernos de Educação, Saúde e Fisioterapia**, São Paulo, v. 5, n. 10, supl., 2018.